

LITERATURA NA MOBILIDADE: RELAÇÃO DE HAITIANOS NO BRASIL COM A OBRA “SENHORES DO ORVALHO” DE JACQUES ROUMAIN

LITERATURE IN MOBILITY: THE NOVEL “MASTERS OF THE DEW” BY JACQUES ROUMAIN AND HAITIANS IN BRAZIL

Taíse Staudt (UNILA)¹Lívia Santos de Souza (UNILA)²

Resumo: Com a recente intensificação dos fluxos migratórios da população haitiana ao Brasil, diversas questões que envolvem o universo cultural haitiano passaram a fazer parte também do universo brasileiro. Este artigo tem por objetivo salientar as principais questões que pudemos observar na relação entre imigrantes haitianos no Brasil e a literatura de seu país, mais especificamente com a obra “Senhores do Orvalho” de Jacques Roumain. A metodologia utilizada na investigação foi a realização de entrevistas de História Oral. A pesquisa demonstra que existe uma grande relevância da literatura na construção de um sentimento de orgulho para população haitiana, como uma forma de poder carregar nas malas um pouco do seu país. Nesse sentido, o romance “Senhores do Orvalho” escrito por Jacques Roumain demonstrou ser um símbolo do Haiti, uma obra que consegue demonstrar em diversas esferas a cultura, história e resistência haitiana, além de uma ferramenta para enfrentar as dificuldades da mobilidade.

Palavras-chave: Migração Haitiana; Literatura Haitiana; Senhores do Orvalho.

Abstract: With the recent intensification of migratory flows of the Haitian population to Brazil, several issues involving the Haitian cultural universe have also become part of the Brazilian universe. This article aims to highlight the main issues that we observed in the relationship between the Haitian immigrants in Brazil and the literature of their country, more specifically with the work “Masters of the Dew” by Jacques Roumain. The methodology used in the investigation was conducting Oral History interviews. The research demonstrates that there is a great relevance of literature in building a feeling of pride for the Haitian population, as a way of being able to carry a little bit of their country in their bags. In this sense, the novel “Senhores do Orvalho” written by Jacques Roumain proved to be a symbol of Haiti, a work that manages to demonstrate Haitian culture, history and resistance in different spheres, as well as a tool to face the difficulties of mobility.

Keywords: Haitian Migration; Haitian Literature; “Masters of the Dew”.

Introdução

As dinâmicas de mobilidade humana envolvem um grande e complexo conjunto de questões a serem pensadas e observadas, a depender do grupo que migra, as motivações, condições

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPGIELA) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: taisesta@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-5435-9383>

² Professora adjunta na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: 42liviadesouza@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4406-5415>

entre outros fatores. No entanto, estas questões não permanecem apenas no campo do deslocamento prático, no sentido de que uma pessoa ou grupo sai de um lugar x e migra até um lugar y. A mobilidade é um movimento de sujeitos, culturas e tradições, uma atividade na qual grupos, independentemente das motivações da migração, carregam pelo mundo diferentes culturas, colocando-as em contato com outras, compartilhando e trocando desde formas de preparar um alimento até elementos profundos, como a prática de religiosidades.

Pesquisando durante alguns anos a mobilidade haitiana ao Brasil que ocorreu a partir da década de 2010, alguns elementos culturais foram sendo demonstrados por esse grupo como extremamente importantes no universo haitiano, e um desses bens simbólicos, do qual eles se orgulham e que carregam consigo, algo que está presente em sua formação no Haiti e em suas pequenas malas de viagem, é a literatura haitiana. Esta pesquisa se desenhou a partir da busca por elementos que dão orgulho à essa população migrante, características que proporcionam uma visão interessante sobre esses sujeitos e sobre o Haiti. Cansados/as de falar sobre os conhecidos problemas, já vistos de forma estigmatizada pelo resto do mundo: miséria, fome, e outras dificuldades da vida no Haiti, para esses sujeitos em mobilidade a literatura se tornou um elemento muito importante para a constituição identitária haitiana, e em consequência, importante componente para aqueles que migram, neste caso, para o Brasil.

A partir deste movimento, foi realizada durante os anos de 2020 e 2022 uma pesquisa com o intuito de aprofundar como se dá essa relação entre migrantes e a literatura de seu país, observando como os elementos literários são significados por eles estando fora do Haiti. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram realizadas entrevistas com oito imigrantes haitianos que vivem no Brasil³, utilizando da metodologia de História Oral (Alberti, 2004; 2011). Como forma de aprofundamento dos debates, foi abordada principalmente a obra literária "*Gouverneurs de la Rosée*" (traduzido como "Senhores do Orvalho"), escrita pelo importante autor, ativista e político haitiano Jacques Roumain. A escolha da obra se deu pela própria forma como haitianos citavam e repetiam diversas vezes a importância desta obra para o Haiti e da sua atualidade, mesmo a obra tendo sido escrita e publicada na década de 1940.

Dois conceitos são centrais para a discussão realizada aqui: o da identidade e da mobilidade. Identidade é um conjunto de características individuais de um sujeito ou grupo social, que compartilha de determinados aspectos, e mobilidade processos migratórios de sujeitos ou grupos por diferentes razões. Para Stuart Hall (2015; 2013), pensar as identidades caribenhas, grupo no qual se inclui a haitiana, é também investigar uma pluralidade imensa que está diretamente ligada com a mobilidade na sua formação. O autor aponta para o fato de que, no caso do Caribe, todos pertenciam originalmente a outro lugar; é grande a quantidade de povos diferentes que se encontram aí. Estas identidades não estão marcadas por continuidades familiares ou de memória, mas por rupturas, violência, escravidão e tutela colonial. Neste sentido, é impossível desvincular as análises de identidade e de mobilidade das experiências caribenhas, sendo que sua ligação está historicamente atrelada.

Este artigo pretende trazer de forma sintetizada as principais descobertas desta pesquisa, apresentando este diálogo entre migrantes e literatura. Neste sentido, a proposta aqui é refletir sobre como os elementos culturais de sujeitos em condição de diáspora são extremamente relevantes para pensar aspectos ligados não apenas à cultura que foi recebida e trazida do país de origem, mas como ela é importante no que diz respeito à identificação construída no país receptor, especialmente por influir na forma como os sujeitos lidam com as dificuldades encontradas no movimento de migração. A literatura de Jacques Roumain para a população haitiana que vive no

³ As entrevistas, realizadas durante a pandemia, foram online através de chamadas de vídeo, gravadas e transcritas. Os entrevistados possuem diferentes idades (entre 23 e 40 anos), gêneros (3 mulheres e 5 homens), chegaram no Brasil entre 2006 e 2020, vivem atualmente em diferentes cidades do país e atuam em diversas áreas profissionais. Foram escolhidos de acordo com o interesse, disponibilidade e proximidade com o tema de pesquisa.

Brasil é uma ligação com a sua casa e o seu universo, mas é também um manual de enfrentamento de situações e um lembrete de quais são os objetivos da empreitada da mobilidade.

Dessa forma, o presente artigo se aproxima da literatura a partir de seu público leitor, e das características que esse público imputa à obra. Trata-se, portanto, de um exercício crítico que se empreende de forma interdisciplinar, refletindo especialmente sobre os papéis que o texto literário pode assumir em contextos tão complexos quanto os das migrações no mundo contemporâneo.

1 Mobilidade haitiana para o Brasil e a literatura na bagagem

É importante destacar que esta pesquisa se desenvolve na mobilidade. Ela só é possível graças a um movimento migratório intenso que trouxe milhares de haitianos ao Brasil durante a década de 2010. Este movimento é também resultado de uma tradição migrante (Magalhães, 2017) que foi formada historicamente e é parte importante de todos os aspectos da vida e identidade haitiana. Assim como haitianos que migraram para o Brasil, esta pesquisa se forma a partir de um movimento e um deslocamento que é ao mesmo tempo geográfico, como cultural e identitário e, como sinaliza Sayad (1998), a migração é um processo completo, que não pode ser analisado apenas a partir da saída, da viagem, ou do destino, mas como um movimento totalizado, com uma quantidade gigantesca de influências de todas as perspectivas.

A partir do início da década de 2010, por um conjunto de situações que envolvem as condições sociais e econômicas do Haiti, juntamente com as consequências da catástrofe natural do terremoto que abalou o país, a emigração, que é há muito tempo ferramenta de manutenção social para o Haiti e o Caribe em geral, se tornou novamente necessária para a população haitiana. Uma considerável parcela da população haitiana precisou buscar condições de vida em outros países, e por consequência de uma aproximação com o Brasil a partir da MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti), por uma legislação de facilitação de permanência legal para haitianos e um momento de aquecimento econômico no país, o Brasil entra pela primeira vez como um dos países predominantes no destino da mobilidade haitiana.

Nesse contexto, ganha destaque também a migração haitiana com fins educacionais. Para migrantes haitianos, a educação formal é um investimento e financiamento coletivo, geralmente incentivado e promovido pelo restante da família, muitas vezes a cargo daquele que vive fora do país (Handerson, 2015).

No entanto, antes de continuar a reflexão referente a esta presença haitiana no Brasil é necessário pontuar que parte da população haitiana migra há diversas gerações como estratégia de sobrevivência, de melhoria das condições de vida de milhares de famílias haitianas. A mobilidade é uma característica que não pode ser dissociada da identidade caribenha, já que o próprio Caribe foi formado pela mobilidade, pela mistura de diversos povos que, de forma consentida ou forçada, migraram e povoaram o Caribe. A população nativa foi praticamente dizimada em poucos anos após a invasão europeia durante o período colonial e a região povoada por diversas pessoas, grupos e culturas que pertenciam originalmente a outro lugar. Stuart Hall (2013) pontua que a mobilidade é identidade caribenha porque de certa forma, todos os povos que povoaram o Caribe vieram originalmente de outro lugar, então os binarismo sobre “ser daqui” e “ser de fora” não cabem. Todos são de fora e todos são daqui. O trânsito, o mover, o carregar, o compartilhar e embaralhar elementos culturais, o levar e o trazer a partir do mar, é também “estar em casa”.

A bagagem carregada pelos haitianos em diáspora geralmente precisa ser pequena pela grande distância percorrida e as incertezas do caminho. Há processos que ocorrem de avião, de ônibus ou a pé, tudo a depender da trajetória escolhida ou das condições que os sujeitos encontram para realizar a viagem. Cada item que é trazido deve ser escolhido com cautela. Nas entrevistas de história de vida realizadas em uma pesquisa anterior, os itens mais citados foram algumas roupas, alguns objetos pessoais importantes, como fotografias, e algum livro, bíblico ou literário (Staudt,

2020). Uma obra específica, chamada “*Gouverneurs de la Rosée*” de Jacques Roumain, grande escritor haitiano do século XX, ocupou o espaço das malas de um daqueles entrevistados e a forma como ele falou sobre a sua relação com essa obra literária era fascinante: ele comentou que era o livro de sua vida e que trouxe a obra na mala porque ele precisaria relê-la constantemente, independentemente do lugar do mundo em que estivesse, pois a obra iria sempre lembrá-lo de quem ele é.

Assim, aos poucos os comentários sobre a literatura feitos por migrantes de origem haitiana passaram a ganhar maior atenção nas entrevistas, e eles vinham sempre carregados de muito sentimento, emoção e afetividade, e a ligação cultural com a produção literária também era evidente na grande quantidade de haitianos que produzem poesia, música e outras formas de arte no Brasil.

Foi pensando nesses elementos que esta ligação entre sujeitos em mobilidade e literatura se formaram. A literatura haitiana, não poderia ser diferente, carrega e produz todo esse ritmo que possui o Caribe. Sua produção é constantemente realizada em trânsito (fora do território do Haiti), sem deixar de ser haitiana, e seus simbolismos carregam a complexidade de uma sociedade que rompeu com a violência colonial através de uma revolução única na história da humanidade⁴, que exala resistência e orgulho pela sua cultura e sua história. Com estas reflexões, passou a ficar mais palpável a compreensão do porquê migrantes de origem haitiana ocupam o pouco espaço da sua mala para carregar alguma obra literária de seu país: ela representa uma identidade, que é complexa, em movimento, um lembrete de quem se é, pelo que já se foi e o que se pretende ser como sujeito, nação e sociedade.

O escritor Jacques Roumain nasceu em Porto Príncipe, capital haitiana, em 04 de junho de 1907 e é descendente da elite mulata com grande concentração de poderes econômicos e políticos. Dedicou grande parte da sua juventude aos estudos, que iniciaram no Haiti e depois continuaram em diferentes países do exterior. Durante a sua curta vida, Roumain praticou diversas profissões, ativismos e estudos que tiveram diferentes influências na sua produção literária. Suas mais fortes colaborações foram na formação do movimento literário indigenista, corrente que buscava uma renovação na escrita literária, valorizando as características populares haitianas como a língua crioula e a religiosidade Vodou, e na participação ativa na criação do Partido Comunista Haitiano. Sua vida foi curta e o escritor faleceu com 37 anos, em 1944, no México, com doenças que adquiriu pelos longos anos que passou em cárcere pelo seu ativismo político.

“Senhores do Orvalho” (título que recebeu na última tradução realizada no Brasil) é considerada a obra de maior prestígio de Jacques Roumain e foi escrita em seu último ano de vida, enquanto vivia no México como embaixador. A obra foi publicada logo após a sua morte, ainda no ano de 1944, no Haiti, com a versão original escrita em francês. Foi aclamada pela elite intelectual e política como uma obra-prima, pelo seu senso de humanismo e realismo, além do romantismo revolucionário, ganhando ainda maior notoriedade nacional enquanto fazia grande sucesso no exterior. Roumain teria transportado a cultura camponesa haitiana de forma inédita a um escrito literário, unindo nele a sua paixão pelos elementos cotidianos, religiosos e linguísticos e oferecendo um sentido político e de transformação. Como afirma Jean (2015, p. 34), “a notoriedade do Roumain é devida, sobretudo, pelo fato de expor através da sua obra a grande miséria da massa popular haitiana e sua fé em um futuro melhor”. É a partir de Roumain que a literatura e a produção haitiana passam a ter maior notoriedade internacional.

No Brasil, a primeira tradução foi realizada por Emmo Duarte, denominada “Donos do Orvalho”, de 1954, e foi publicada na coleção “Romances do Povo”, organizada por Jorge Amado na década de 1950 pela Editorial Vitória, editora vinculada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB)

⁴ O Haiti é a única nação negra da América graças a um movimento organizado pela população africana e afrodescendente que foi escravizada na ilha, que organizou uma revolução vitoriosa contra os colonizadores franceses. Foi a primeiro país da América a abolir a escravidão e a única a expulsar os colonizadores, criando uma sociedade nova desvinculada da metrópole.

na época. Em 2020, sessenta e seis anos depois da coleção de Jorge Amado, a editora Carambaia lança uma nova tradução e edição em português brasileiro, intitulado o romance “Senhores do Orvalho”. Monica Stahel traduz a obra de Roumain para um(a) leitor(a) atual, ao mesmo tempo em que respeita muito fielmente os ideais e a linguagem do texto. A primeira tradução da obra carrega um marco como a primeira obra caribenha de expressão francesa traduzida no Brasil, um pioneirismo considerável dentro da perspectiva de publicações caribenhas no Brasil, tanto no campo teórico quanto literário. A recente tradução e publicação no Brasil também é de grande valia, pois representa um caso ainda infrequente de retradução de literatura caribenha e possibilita aos brasileiros o acesso a uma obra culturalmente muito importante para a população haitiana.

Em resumo, o enredo da obra é sobre o retorno de um sujeito chamado Manuel para seu vilarejo, chamado Fonds-Rouge, na área rural haitiana. Manuel está retornando depois de passar cerca de 15 anos fora do país, pois ainda muito jovem foi a Cuba trabalhar como cortador de cana-de-açúcar, onde conheceu o movimento sindical e aprendeu sobre organização de trabalhadores. Ao retornar ao Haiti, Manuel se depara com seu vilarejo completamente devastado pela fome e sede, pois as fontes de água secaram por consequência do desmatamento para venda da madeira. Além do cenário calamitoso da seca, a população do vilarejo encontrava-se dividida em função de uma briga por posse de terras que acabou em morte. A obra acompanha Manuel na sua busca em unir novamente o vilarejo de Fonds-Rouge em busca da água e da esperança para o seu povo, que estava entre migrar e aguardar a morte, assim como já estava morta a terra e a vegetação.

A obra em si é muito comovente, o autor tem grande capacidade de colocar o leitor no cenário da seca, das montanhas que se mantém em pé sem uma única árvore ou água, apenas refletindo o escaldante calor do sol. A influência comunista no autor também é bastante visível na formação do personagem Manuel, que mesmo iletrado e sem acesso à educação formal, compreende as estruturas de poder que oprimem seu povo, e entende a união do povo como primordial para gerar mudanças. Mas os elementos da obra atingem outro nível quando conhecemos as interpretações realizadas por haitianos através das entrevistas: Jacques Roumain constrói em “Senhores do Orvalho” uma essência do que é o Haiti em diversos níveis, tanto no que diz respeito a dura realidade do dia a dia, quanto com a luta de seu povo, na língua, ancestralidade e religiosidade, na história do país, e principalmente, ele indica um caminho possível para mudar a realidade do Haiti.

2 “Senhores do Orvalho” é o Haiti

“Roumain é a cara do Haiti, ‘Gouverneurs de la Rosée’ é a cara do Haiti”, disse o entrevistado Alfred (2021). Essa afirmação, mesmo que em outras palavras, percorreu as falas das entrevistas realizadas para a pesquisa. A cada diálogo com os entrevistados, as demonstrações de afetos pela obra literária eram atestadas de diferentes formas, mas o que mais foi evidente, é que a obra ultrapassa para muitos destes sujeitos o espaço de “um livro importante”. A obra e os personagens são uma identificação cultural, identitária, uma forma de olhar para a própria realidade, de conhecer a si, como Haiti e haitiano, e de reconhecer-se como tal.

O primeiro ponto que foi sendo evidenciado a partir das entrevistas foi o de que o cenário representado na obra não ficou cristalizado na década de 1940, quando a obra foi escrita. Os entrevistados salientam que ler a obra ainda é ser transportado diretamente para a área rural haitiana dos dias atuais. Isso demonstra que as dificuldades evidenciadas por Roumain há quase 80 anos ainda são bastante reais.

A obra, em alguma medida, é considerada pelos entrevistados como um retrato haitiano. Um retrato que consegue demonstrar nele todo o potencial positivo do país, consegue transcreever os simples eventos do dia a dia e dar a eles todas as cores, sabores e aromas do café, da “branquinha”, do cachimbo. Consegue evidenciar a importância da religiosidade vodu e da ação

dos *loás*, a vibração dos tambores e a segura da terra. As dinâmicas dos relacionamentos entre jovens de famílias que são rivais, as dificuldades da produção campestre, das idas às feiras para vender ou trocar a produção, a falta de acesso, de água, de condições de sobrevivência. O entrevistado Alexi nos diz que:

A obra toda. Eu vou te falar, se esse livro que tu tá lendo ali, você não precisa ir pro Haiti, é exatamente isso! Se tu for, tem lugar que tu vai, é exatamente a mesma, a minha cidade por exemplo é assim. A gente, eu, sou da primeira capital, da primeira república negra do mundo, do primeiro país que aboliu a escravidão, que recuperou a humanidade do negro. Eu venho dessa cidade. A gente é uma cidade guerreira, a gente tá sempre quente. Antigamente eu tinha vergonha de falar isso, mas enfim, eu entendi que isso faz parte de nós, a gente é assim, sabe, então eu cresci vendo duas família brigando, um não pode namorar a filha do outro... Claro o Shakespeare também tem, faz uma história também parecida, mas tudo aquilo, quando tu vê a mulher sentar, o homem senta com o cachimbo na boca, a mulher com o café, os cara com os dominós, dançando com os loás, tomando aquela cachaça, Annaïse vai lá na cidade no vilarejo, não sei como é que fala, vai vender; aquele primo chato da Annaïse “ah eu vi tu falando com o Manuel”, sabe?! Isso é o Haiti. É a identidade haitiana. É a obra que melhor representa o Haiti (entrevistado Alexi, 2021).

Além de representar muito bem a realidade rural e cultural haitiana, os entrevistados citam como o romance “Senhores do Orvalho” consegue captar outras características que a tornam muito especial: a identidade haitiana, o potencial haitiano, a característica de não ser facilmente persuadido a entrar em caminhos negativos como o da vingança, e a característica de persistência. O haitiano e a haitiana não desistem.

O entrevistado Alexi diz “é a gente”, as características dos personagens e principalmente do herói principal são as características dos haitianos. Os entrevistados se identificam com as situações culturais mas também com a forma como os personagens se posicionam perante os desafios, e o entrevistado Alexi salienta que Roumain conseguiu expressar no Manuel a característica que existe dentro de cada haitiano e haitiana, a vontade de tornar o Haiti um lugar melhor de viver, a persistência nos objetivos apesar de todas as dificuldades, o potencial de garantir com que as interferências na trajetória não façam com que desviem dos seus caminhos.

Para além destes temas, os entrevistados salientam que Roumain consegue trazer vários outros aspectos que ainda são realidade no Haiti: a dura realidade de quem vive na área rural e a ausência de assistência estatal nessas regiões, o baixo índice de acesso à escolaridade formal, a perseguição sofrida por ativistas e lideranças comunitárias e políticas, o exílio, as ditaduras e controle dos países imperialistas. Estes elementos trazidos pelos entrevistados expressam que Roumain não apenas figurou o Haiti do início do século XX em sua obra, mas questões e situações que perduraram e fazem parte da realidade que os entrevistados vivem e convivem no Haiti atualmente. “Pra mim Roumain é o Haiti de hoje em dia. Nada mudou. Se a gente lê Roumain parece que a gente tá lendo a história do Haiti do século XXI”, afirma o entrevistado Alfred (2021).

Estas observações realizadas pelos entrevistados, de como a obra “Senhores do Orvalho” de Jacques Roumain consegue retratar a realidade haitiana, a identidade do país nos aspectos culturais, nos cenários, na figura e na luta de Manuel, pode ser um forte indício do porquê esta obra ocupar com frequência os espaços das bagagens de haitianos que migram. Carregar esta obra pode simbolizar carregar a própria identidade, carregar aquilo de que eles se orgulham do Haiti: a identificação com uma literatura que retrata tão bem as características que são tão valiosas para essa população.

Um dos temas que foi muito abordado pelos entrevistados diz respeito a como eles observam no personagem Manuel a característica da mobilidade: Manuel, assim como os leitores entrevistados, migrou em busca de diferentes condições de vida. Esta característica, além de representar mais um dos importantes elementos da identidade haitiana, é fundamental para a construção de um personagem que não aceita a realidade que encontra: a mobilidade no caso de Manuel, é o motivo pelo qual ele não é conivente com a realidade que encontra ao regressar a Fonds-Rouge.

Os entrevistados salientam que ampliam a visão de mundo, sobre o outro e sobre si, a partir da mobilidade, e para alguns entrevistados desta pesquisa, a literatura também exerce parte importante deste processo. Os textos literários, com suas características de sensibilidade e identificação, podem representar esse caminho de perceber-se e vivenciar a experiência do outro, ao mesmo tempo em que, a partir da nossa subjetividade, faz com que olhemos para a nossa própria experiência. Desta forma, quando o personagem Manuel começa a conversar com os moradores de Fonds-Rouge e começa a compartilhar a sua ideia sobre o mundo e sobre como deveriam agir e enfrentar a situação que eles vivem, ele escuta a seguinte pergunta: “Foi de Cuba que você trouxe essas ideias?” (Roumain, 2020. p.93). Essa pergunta demonstra que a forma como o personagem observa a realidade enfrentada é diferente da local e provavelmente influenciada pela experiência de vida que Manuel teve em Cuba durante a mobilidade e é, aparentemente, a mensagem que Roumain quer evidenciar neste cenário: a formação sindical e política que Manuel teve em Cuba foi capaz de transformar a realidade do vilarejo Fonds-Rouge, no Haiti.

A entrevistada Marie comenta a transformação da sua própria percepção de mundo através da mobilidade e o impacto da mobilidade no personagem Manuel:

Quando a gente foi pro exterior e a gente volta, a gente já tem tipo uma visão diferente né, a gente vê as coisas de um jeito diferente.[...] Na minha época, quando eu deixei [o Haiti], eu deixei com uma mentalidade, não vou dizer que era fechado, mas tipo, que teve relação com a minha cultura, mas hoje eu vejo as coisas de um ângulo bem bem bem diferente né. Eu não julgo mais as pessoas gays, as pessoas trans, você tem um monte de tatuagem é a sua vida né, tipo não são as tatuagens, não é porque você é dessa religião ou você tem essa orientação sexual que vai te definir como pessoa. Essa visão, essa ideologia, mudou literalmente na minha cabeça, eu fiquei muito feliz por isso. Na verdade o Manuel, acho que sim, Cuba mudou o pensamento dele. Talvez se ele não fosse pra Cuba ele teria o mesmo pensamento do que as pessoas da comunidade, mas, só porque ele foi num país diferente, aí ele já tem uma realidade diferente das coisas né, eu acho que isso tem um impacto no pensamento dele (entrevistada Marie, 2021).

Neste sentido, a mobilidade pode ser percebida não apenas como um espaço de alcançar formações e trocas culturais, mas também um espaço de formação pessoal, de projetos e de impulso transformador: por que não aplicar no Haiti aquilo que funciona em outros lugares, como em Cuba ou no Brasil? Manuel com sua experiência política em Cuba percebeu que havia necessidade da população de Fonds-Rouge ultrapassar algumas desavenças para que conseguisse sobreviver, assim como a necessidade de educar a população do vilarejo para que não continuasse sofrendo na mão do Estado que não trabalhava a seu favor. Da mesma forma, atualmente, o entrevistado Joseph que é pesquisador na área da Saúde Pública, explica que observa o Sistema de Saúde de outros países e projeta um sistema que seja possível executar no Haiti, já que a saúde pública do país caribenho é precária e ligada aos setores privados. Nas palavras do entrevistado:

É por isso que ideias novas, muitas vezes, podem sair de fora, porque aqui, você de dentro, você acaba se acomodando com a realidade de dentro. Eu já pensei

mil vezes no sistema de saúde pública do Haiti, com adaptação cultural, social, econômica, política, tudo. Eu já pensei no sistema me referindo ao SUS, ao sistema cubano e ao sistema inglês. Aí você não pode pegar o SUS do jeito que tá e levar pro Haiti, pode não dar certo, porque tem fatores culturais. Agora você tem que fazer adaptações e eu já pensei, pus isso no papel, eu tenho no papel como vai ser, financiamento, sistema, arrecadação, eu tenho tudo isso, mas se eu tivesse ficado apenas no Haiti você acha que eu teria essa visão, de pensar até no sistema de saúde? (entrevistado Joseph, 2021).

Neste sentido, a reflexão do entrevistado faz observar a forma como a mobilidade pode ter retorno no Haiti e não apenas em forma financeira, com o apoio do dinheiro internacional no giro econômico do país, mas também como espaço gerador de ideias que pretendem transformar a realidade do Haiti. No entanto, este mesmo entrevistado, Joseph, realiza uma reflexão muito interessante no decorrer da entrevista, que condiz na seguinte questão: “se o Haiti está nessa condição é porque não está tendo uma inclusão da diáspora, a gente não está aprendendo a lição que ‘Senhores do Orvalho’ tá querendo passar, a gente não tá aprendendo essa lição” (entrevistado Joseph, 2021). Segundo as reflexões deste entrevistado, ideias como a dele, de implantação de um sistema de saúde popular no Haiti, não possuem espaço no cenário haitiano, não são ouvidas pelas autoridades políticas e em alguns momentos são rechaçadas.

Esta reflexão realizada pelos entrevistados coloca a obra literária como um alerta, um ensinamento deixado pelo autor em nível individual, mas também como sociedade: a mobilidade realizada pela população haitiana é responsável pelo contato cultural, intelectual, político, e a partir dele é possível pensar transformações no próprio Haiti. Manuel migrou e o que aprendeu na vida em Cuba colaborou para melhorar a vida da sua comunidade no Haiti, e para os entrevistados, outros movimentos como este são possíveis e necessários no presente e no futuro do Haiti.

Um tema interessante que foi sendo evidenciado com as entrevistas é o de como a obra literária “Senhores do Orvalho” pode ser vista com diferentes simbolismos por haitianos em diáspora e, principalmente, em diferentes tempos. Além da relação que os entrevistados realizam da obra com o presente, no sentido de que em diversos aspectos o Haiti ainda vive muito do que o autor escreve em 1944, foi possível perceber que a obra é também uma relação com a História do Haiti, do passado que remonta até a Revolução de São Domingos e seus heróis, e uma relação com o futuro, um Haiti que se sonha construir.

Jacques Roumain é considerado por alguns entrevistados como uma pessoa que viu muito além do que a maioria das pessoas de seu tempo, que conseguiu, apesar de uma vida curta, deixar um legado social e político que ainda inspira. A importância da obra de Roumain para os haitianos em mobilidade no Brasil passa também pela perspectiva do futuro, e é para o futuro que se anda, é pelo futuro que se luta. Manuel é fictício, mas é completamente real e é cada haitiano e haitiana que participou dessa pesquisa e é ainda, provavelmente, todos os outros que trazem em sua bagagem todo essa beleza histórica, natural e cultural do Haiti, e que pretendem levar para lá, Haiti, todas as belezas que encontram por aqui e pelos outros lugares por onde passam.

3 Manuel está no Brasil

Nas palavras do entrevistado Jorge (2021), “você pode deixar o Haiti, mas o Haiti nunca vai deixar você”. O Haiti, representado pela sua cultura que foi compartilhada com haitianos que vivem hoje no Brasil, está presente nestas pessoas de diversas formas. Trazer ou ter acesso a produção literária haitiana e caribenha é uma forma de ter acesso a cultura e a identidade no qual se identificam. A entrevistada Marie faz uma fala bastante enfática neste sentido quando diz que:

Vivendo num país diferente, numa cultura diferente, eu acho que a literatura do meu país tem uma importância capital, para eu não esquecer da minha identidade, pra eu sempre lembrar quem eu sou, de onde eu venho, pra saber que eu tenho uma identidade. Eu sou aquela haitiana, é tipo, pra onde eu for eu vou ser aquela haitiana. Aquela como os autores descrevem que era *Marabou* a gente chama quando eles tão descrevendo a mulher haitiana, aquela mulher de cabelo crespo, de dente branco, forma redonda, assim, eu sempre vou lembrar. A literatura em si é uma identidade, a identidade do país [...] a literatura vai dizer quem é essa pessoa, de onde ela vem, como se fosse uma história, sabe? Então é muito importante pra mim, pra eu sempre me lembrar, “ah, eu sou aquela haitiana né” (entrevistada Marie, 2021).

Lembrar de quem é, lembrar que tem uma identidade. É muito significativo o que a entrevistada relata pois ela afirma que a literatura para sujeitos em diáspora assegura o acesso à própria identidade, para que ela não seja esquecida, para que possa acessar mesmo que de longe, os significados do lugar de onde vem, que continuam sendo importantes mesmo que ela não esteja no território. A literatura e a identidade possuem uma ligação estreita durante a mobilidade.

Neste movimento, a obra de Jacques Roumain, “Senhores do orvalho”, aparece como uma das obras de maior circulação, afeto e identificação. Estando no Brasil, a obra passa a ter diferentes significados para os haitianos, pois envolve novas identificações decorrentes dos contatos culturais e processos de sociabilização que necessitam realizar. A obra é considerada pelos entrevistados uma retratação do Haiti, uma expressão da realidade, tanto econômica, política e principalmente cultural. No Brasil, estando em mobilidade, o olhar dos entrevistados sobre a obra adiciona uma outra identificação: agora que eles também estão provando a experiência da mobilidade, assim como Manuel, o herói é uma grande inspiração para enfrentar as dificuldades que se apresentam no dia a dia.

O entrevistado Alexi possui uma relação muito interessante com a obra literária “Senhores do orvalho”, pois ele leu a obra muito jovem no Haiti e identificou-se completamente, e leu a obra cerca de vinte anos depois, no Brasil e em português. O entrevistado relata que, na primeira leitura, prevaleceram as suas interpretações e identificações com o Haiti, e que nesta segunda leitura ele passou a identificar-se com o Manuel como um sujeito diaspórico, que experimentou outra realidade e as dificuldades que elas trazem:

Então, eu comecei a entender muito mais coisas porque eu entendo quando ele fala “como essa gente lá em Cuba me tratam”, o racismo que ele sofreu lá em Cuba. [...] Eu consegui entender as dificuldades que ele falou que passou lá em Cuba. Eu consegui entender esse sentimento de quando ele decidiu voltar para lá [Haiti], por que, apesar de tudo, é melhor estar ali, naquele lugar, naquele meio seco, porque tem coisas boas lá também. Eu consigo entender esse sentimento. Mas no Haiti, eu confesso, no Haiti eu achava que o racismo era coisa de fábula, eu achava que era coisa só de literatura, não existe. Eu posso te dizer com toda absoluta certeza, naquela época o racismo não existia pra mim. Então pra mim, eu achava que alguém não ia tratar uma outra pessoa mal por ser negra, porque é uma coisa do passado, que já passou, entendeu? Aí quando vi, eu consegui sentir o sentimento de quando ele descrevia algumas situações lá em Cuba, sentimento do Manuel em relação a Cuba. E aquele, quando ele falava saudade, sabe, quando para ele era mais importante estar perto da mãe, do pai, do que ganhando dinheiro lá em Cuba. Aí eu senti aquele sentimento de saudade. Eu senti e disse nossa, é isso! (entrevistado Alexi, 2021).

Duas questões muito sensíveis são trazidas pelo entrevistado neste trecho: o racismo e a saudade. Lendo a obra novamente, desta vez estando no Brasil, Alexi identifica-se com Manuel através da dor de sofrer discriminação racial em outro país, violência que ele não havia sentido estando no Haiti. O que o entrevistado acreditava ser coisa só de histórias mais antigas, que haviam ficado no passado, passam a fazer parte de suas experiências e agora, lendo a obra, ele observou e identificou-se de forma diferente do que quando leu a obra pela primeira vez. Ele sentiu no Brasil essa dor que Manuel sentiu em Cuba.

A saudade é outro tema muito emocionante que o entrevistado reconhece nesta leitura mais recente. Desta vez, ele entende por que Manuel deixou seu trabalho em Cuba e voltou ao Haiti, mesmo que fosse um Haiti seco, pobre, quase sem vida. Ele entendeu a saudade e como ela pode se sobrepor às outras questões, como estar em outro país ganhando dinheiro. Manuel sentiu a dor da saudade em Cuba assim como o entrevistado Alexi sente no Brasil. Essa sensibilidade que a literatura é capaz de acessar, a identificação, a sensação de lar e de não se sentir sozinho em uma experiência que pode ser muito dolorosa, é o que torna essa relação entre sujeitos em mobilidade com essa obra de Roumain tão preciosa. Manuel deixa de ser um personagem e torna-se sujeito, todos estes sujeitos haitianos em suas experiências diaspóricas pelo mundo, buscando um pouco de aprendizado, de dinheiro, de trabalho, de vida digna e de um dia, quem sabe, retorno.

Manuel torna-se inspiração. Manuel é cada sujeito haitiano no Brasil. O entrevistado Alexi continua suas reflexões com a identificação que sente com Manuel e como a obra e o herói, além de identificar, inspiram e dão força para que ele possa enfrentar as dificuldades que encontra atualmente no Brasil:

Eu me inspiro muito no Manuel, eu sou o Manuel. Porque quando eu cheguei no Brasil, cara, como negro, tudo sempre foi difícil, cara. Às vezes tu vê que não tem saída e tu diz “não, não tem o que fazer”. É aquele facão do Manuel, ele vai capinando, cortando as árvores, e essas árvores que ele estava cortando são as dificuldades. Quando a pessoa fala “ah mas você é haitiano, que você vem fazer aqui no Brasil?”, “Ah, haitiano não pode ser engenheiro” sabe? “volta para o teu país”. Aquela árvore, aquelas coisas quando tu chega lá, sabe quando ele cortava né, tu sabe, usava o facão [para abrir caminho]. Quando o cara manda currículo para pedir o estágio, a pessoa não te dá o estágio porque tu é haitiano, tu fica abalado com isso, porque isso é morte profissional. [...] Tem muita gente que desiste, tem muitos negros que desistem no Brasil. [...] Aí, como o Manuel, o que que eu faço? [faz sinal do facão cortando] pego esses 400 currículos, coloco de lado e vamos procurar a luz, vamos procurar a fonte da água, porque a água tá em algum lugar (entrevistado Alexi, 2021).

Manuel quando retorna de Cuba e percebe a grande dificuldade que a comunidade está vivendo por falta de água, utiliza seu facão como instrumento para entrar nas matas que restam em busca de fontes de água. A fonte é a única possível salvação de todas as pessoas que vivem em Fonds-Rouge, e o herói não se abala com as dificuldades, não desiste ou pede por milagres para as divindades como os outros da comunidade. Manuel insiste, pois, sabe que é o único caminho, ele sabe que uma fonte está em algum lugar, que a salvação está por perto. O entrevistado utiliza desta mesma determinação para enfrentar as dificuldades no Brasil: mesmo quando a situação está muito difícil, quando as oportunidades não aparecem, ele persiste na busca, pois sabe que em algum lugar está a fonte da água, a salvação, aquilo que necessita. Ele é o Manuel.

A afirmação de que ele, Alexi, é o Manuel, é uma afirmação identitária, como haitiano. O entrevistado diz que “cada haitiano tem um potencial do Manuel, tem um Manuel dentro de si, aquele cara que não desiste nunca” (entrevistado Alexi, 2021), ou seja, Manuel representa também uma identidade de sujeito, indivíduo haitiano, que persiste nos seus planos e sonhos, que enfrenta

os desafios. Um haitiano estando em outro país, conseqüentemente, Manuel também está. O entrevistado utiliza como exemplo a história de uma mulher haitiana, que ele presenciou:

Eu lembrei de uma situação de uma imigrante que chegou do Haiti, tava com tudo na mão, tudo, achou que o sonho brasileiro, que ia chegar no Brasil e o que acabou acontecendo é que ela não sabia falar português e acabou que o taxista pegou ela e ela tinha que ir pra uma cidade, Bento, e o taxista tinha entendido que era numa rua Bento, uma avenida. O taxista percebeu que ela não falava português, pegou a mala dela, roubou a mala, deixou ela só com passaporte, e ela foi parar num abrigo. Quando me chamaram para ajudar aquela mulher, bah, aquela mulher estava triste, mas sempre com aquela força. Daí eu falei "nossa, tu quer voltar pro Haiti?" e ela falou "não, vou ficar aqui, vai dar tudo certo". Seis meses depois essa mulher tá ótima na vida, vida boa, sabe, não desiste, essa questão de não desistir, sabe? (entrevistado Alexi, 2021).

O Manuel é também esta mulher, para o entrevistado, assim como todo haitiano tem esse potencial dentro de si. A identidade que Roumain cria para Manuel nesta obra é uma forma de identificação com toda a população haitiana em diáspora, que está ligada à força, persistência e luta pelos objetivos, o que provavelmente também está atrelado a história do Haiti como um país revolucionário e guerreiro. As situações que migrantes haitianos enfrentam no Brasil são muitas vezes dolorosas e complicadas, por uma diversidade de fatores, e o entrevistado Alexi acredita que só é possível passar por essas experiências por causa desta força haitiana, que é representada no personagem Manuel.

Desta forma, através das reflexões do entrevistado é possível observar que a obra "Senhores do Orvalho", para além de trazer uma identificação com a realidade haitiana, com o que a diáspora haitiana se identifica culturalmente mesmo estando longe, através do personagem Manuel, a obra pode ser também uma forma de observar a si e as formas como reage de acordo com as situações que ocorrem na experiência da mobilidade: estando no Brasil e utilizando Manuel como inspiração para lidar com as dificuldades diárias, para lembrar do potencial do haitiano, de ser um sujeito descendente de revolucionários e aplicar neste contexto o que Manuel realizou. Aprender na mobilidade, sentir a violência e a saudade estando longe, mas sem esquecer de onde vem e quem se é.

Considerações finais

A presença de migrantes haitianos no Brasil é um movimento que envolve, pelo menos, dois universos culturais e literários. Sua relação com a literatura de seu país também se transforma na medida em que conhece outros mundos durante as suas trajetórias. Uma obra que já tem um valor muito grande na construção de um orgulho de si e de seu país, ganha um simbolismo expandido na mobilidade.

Jacques Roumain com a obra "Senhores do Orvalho" criou Manuel. Manuel, este herói, demonstrou ser muito mais do que um personagem. Este personagem e esta obra, na crítica dos interlocutores, revela a identidade haitiana em suas profundezas e em sua superfície, salienta as suas belezas e as suas fraquezas, transparece uma história que sempre foi ligada a violência e a imposição, ao mesmo tempo que relembra que sempre existiu uma real resistência, uma resistência que queima e que revoluciona.

Manuel migrou, aprendeu e com isso, conseguiu de alguma forma ajudar os seus, aqueles que deixou quando foi trabalhar em Cuba. Assim como ele, os entrevistados estão neste momento em mobilidade, em busca de aprender, e demonstram que têm sonhos e objetivos de alcançar um pouco daquilo que Manuel conseguiu: uma vida menos seca para os seus. O elemento da

mobilidade no personagem de Manuel tem um significado muito potente: ele migrou, conheceu o racismo, conheceu movimentos sociais, conheceu mais do outro e mais de si, conheceu a saudade. Alexi diz que entende agora o que são esses sentimentos e sabe por que eles são tão importantes nas formações de sujeitos transformadores como Manuel e como ele.

O passado e o presente dialogam na literatura interpretada por estas oito vozes, e nelas ecoa o futuro. Jacques Roumain, com essa obra, realizou um feito extraordinário de unir tempos em um só. Fonds-Rouge é uma cidade fictícia, apesar de muitas pessoas relatarem que já vagaram pelas zonas rurais do Haiti, buscando encontrar o lugar que teria inspirado Roumain a criar o vilarejo. As vozes que ecoam aqui dizem que Fonds-Rouge é na verdade o futuro, é o Haiti que precisa ser construído, é o país sonhado, que, se bem observadas as dicas que deixou Roumain, pode ser um país real. A obra sinaliza um caminho de mudanças que parte da união, parte da necessidade de buscar vida, representada pela água, para matar a sede que mata tantos no Haiti.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Fontes orais: *Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2011. p. 155-202.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2004. 236 p.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina. 2015. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2013. Organização de: Liv Sovik. Tradução de: Adelaide La Guardia Resende.

HANDERSON, Joseph. *Diaspora*. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. 2015a. 430 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

JEAN, Dieumettre. Donos do Orvalho de Jacques Roumain: Um projeto social para o Haiti Pós-terremoto. 2015. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras-Português, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, 2015.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. *A imigração haitiana em Santa Catarina*: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti. 2017. 355 f. Tese (Doutorado) - Curso de Demografia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

ROUMAIN, Jacques. *Donos do Orvalho*. Rio de Janeiro: Vitória Ltda, 1954. 226 p. Coletânea Romances do Povo.

ROUMAIN, Jacques. *Senhores do Orvalho*. São Paulo: Carambaia, 2020. 239 p. Tradução de Monica Stahel; Posfácio de Eurídice Figueiredo.

SAYAD, Abdelmalek. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998, 299 p.

STAUDT, Taíse. *Sou diáspora: identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil*. Chapecó: Ed. do Autor, 2020. 147 p.

STAUDT, Taíse. “Senhores do Orvalho” na bagagem: a literatura nas experiências de haitianos no Brasil. 2022. 185 f. Dissertação (Mestrado)- Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

Submetido em 03/03/2024

Aceito em 11/05/2024